

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 17 de fevereiro de 1901
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

NO PROXIMO NUMERO

Não hoje—porque a nossa bolsa não permite larguezas—mas de hoje a 15 dias, a «Lagrima» inserirá uma copia á penna de photographia do nosso collaborador Julio Vallongo, representando o que são actualmente as ruínas dos Paços dos Condes e Duques de Bragança.

Será esta a segunda das tres gravuras que nos compromettemos offerecer aos nossos leitores.

Sobre todas, aquella que ha de constituir verdadeiro successo entre barcellenses, será, sem duvida, a que vae apresentar ás vistas curiosas, investigadôras, a perspectiva geral da villa de Barcellos ha quatro seculos, proxima-mente!

E' um *croquis* do natural feito por Duarte d'Armas, como outros similares, d'elle, que correm mundo em varias historias de Portugal, em noticias illustradas de determinado caracter local, etc.

A's nossas vistas, pois, teremos com o aspecto antigo:— a archeologica entrada da ponte romana com os seus tres elegantes arcos sob os quaes se dava ingresso n'esta villa pelo lado de Barcellinhos; os paços dos Condes e Duques de Barcellos, o casario do povoadol

*

Comprehendemos o grande, o prestantissimo alcance do projecto da restauração do Paço dos Condes e Duques de Bragança e da sua adaptação a museu e bibliotheca.

Sem outro interesse mais do que servirmos a nossa consciencia de jornalistas e o nosso dever de patriotas, por meio da propaganda fallada e escripta, seremos um paladino d'esse melhoramento local.

«A politica, dizia-nos ha dias um cavalheiro respeitavel, vae! porém só as obras ficam!»

E era só por isso que nós, no nosso ardente desejo de sermos uteis a este berço querido, não queriamos que uma só *pecha* se pozesse á iniciativa da nossa Camara, maxime porque esse melhoramento não re-lunda em beneficios eleitoraes, que nos repugnam.

Guimarães tem a sua sociedade Martins Sarmento, que não honra só a cidade, nobilita a patria. Assim o comprehenderam os sabios estrangeiros, entre elles Quatrefages, quando a visitaram.

Para as grandes iniciativas, para o esclarecimento de problemas intrincados, ha um fóco d'uma importancia capital:—é a *Sociedade*.

Empresta livros e offerece ao estudo palpavel o repositório de antigualhas do seu riquissimo museu.

¿Porque não havemos de imitar tão grande obra, embora em pequena escala?

Disse alguém que se Portugal desaparecesse do numero das nações, o seu nome ficaria para sempre apregoado por Camões.

Paraphraseando affirmaremos que o que dá nome a Guimarães não são só as suas industrias de cutilaria, de tecidos, da curtimenta de pelles, é o seu museu é a sua bibliotheca de 25 mil volumes que, quando extinctas aquellas, bastariam para ingentemente vitalisar perante o espirito o nome da cidade de Affonso Henriques.

O José Lisboa não é como muita gente que tem cães com fartura, sem os sustentar, mas de que se sustenta.

Possue um cão como qualquer caçador ou amigo de bichos.

Em Barcellinhos, ali da outra banda do rio, esteve elle para soffrer um desgosto, pela simples razão de ter um animal parecido com outro.

Contemos a historia.

O Lisboa foi áquella freguezia beber um vinho branco que, para o preço de 40 reis, lhe disseram ser uma especialidade.

Bebeu tanto como a vontade lhe mandou, e como as posses lh'o permittiram.

A certa altura deu pela falta do cão e procura que procura, José Lisboa suppoz afinal dar com o canino companheiro.

—«Pombinha! anda cá! Anda cá buxo.»

Atirou-lhe com pedaços de pão. Dirigiu-lhe palavras meigas. Mas o cão, se o José corria muito, mais corria, fugindo.

O animal demandou pelo largo dos Penedos e n'um canto pôde-o o Lisboa agarrar.

Porém n'esta occasião salta-lhe o filho do Paulo Marchante e grita:

—«¿A você que mal lhe fez o meu cão?»

—«O seu cão! E' meu e muito meu.»

E palavra pucha palavra, o Marchante disse: —«Ou larga o cão ou eu dou-lhe com elle nas ventas.»

José Lisboa examina o pello do *quadrupede* e viu que não era o seu...

—«Ora vae-te, diz José Lisboa! Nunca outra te succedeu. O meu cão é o retrato d'este.»

Mas ha mais Marias na terra...

JOÃO VALLONGO

A «Lagrima» sac hoje dos seus habitos caindo no redil do necrologio, para frisar sómente que o João Vallongo, descido ha dias á fria terra, era dos raros barcellenses que teve a suprema arte de ali saber fazer rir.

As suas ultimas exhibiçõs carnavalescas representaram um trabalho, senão puramente litterario ou scientifico, sobretudo saturado de espontaneidade e de *effeitos scenicos*.

Apesar de artista nato—o Joaquim Malheiro, o meticoloso ensaiador dramatico, «um puro parisiense», como alguém o cognominou—confiara sempre, na celebre *troupe* de curiosos, os ensaios da alta e da baixa comedia ao nosso querido morto, porque naturalmente elle ia procurar os segredos da arte, n'essa especialidade, muito á vontade.

Se não fôra um muzico perfeito, no rigor absoluto da phrase, por falta de cultivo adequada, tinha creações humildes, reveladoras do seu intuitivismo artistico.

Abandonado das fatuidades do fato, das maneiras do dandy, era d'uma simplicidade tal, que lhe grangeára as sympathias de todos.

Servical desinteressado, poucos ali lhe não deveram favores.

Por uma pertinacia do trabalho surprehenhente, creou-se por si até ao ponto da nossa admiracão—que se converte agora em saudade, perante a sua memoria amiga.

EXPEDIENTE

A «Lagrima», não foi publicada no seu dia proprio, porque a officina typographica em que impressa modou de aposento, com a mesma facilidade com que a gente limpa costuma mudar de cami a.

Apos foi-lhe introduzida—não na «Lagrima»,—o importante methyloramento do acetylene, uma luz tão clara como a da lua e tão brilhante como a do sol.

Por estas razões tão de força maior, em que impera a luz, fomos

obrigados a faltar á regularidade da publicação de este quinzenario, do que nos penitenciamos.

Notas da Quinzena

A nota retumbante, cheia, que o trombone do successo na quinzena, soára, foi a da famigerada questã da carne.

Mais barata, dizia-se (o comia-se) do que em outra qualquer banda, vende-se ali todos os dias, ainda os de jejum e de abstinencia d'ella.

Bra!amos: graças ao Severino!

No entanto no fundo da nossa consciencia havia uma ignota duvida...

—Que o Caroca passasse com vantagem do solicitador ao exercicio dos balados, comprehendia-se, porém que dos requerimentos o Severino—o prospicaz solicitador—fosse capaz de vender com finura e lucros, coraçã ás sopeiras, e, de mais, por peso, isso é que não foi capaz de nos entrar no toutiço, nem a picao.

Na nossa boa qualidade de jornalistas dirigimo'-nos, investigando, aos açongues, que ha muito não são na rua d'este nome mas na praça de D. Pedro Vú e pedimos ao arrematante de carnes verdes:

—«Chão de dentro, seis vintens.»

O Severino que isto ouviu arrebitou-se todo como estes gallos da raça pequena e disse que no chão de dentro do balleão não via seis vintens nenhuns.

Apachando-o nós nesta ignorancia profissional, pedimos-lhe carne do oculo, da rabada, e a nada se movia o nosso arrematante.

—«Eu, dizia elle, já não tenho cabeça para vender.»

—«Nós não queremos cabeça.»

—«Eu até já não tenho miolos.»

A questã é que nos retiramos satisfeitos por termos comprado, pela nossa importancia, carne barata e ia-mos a caminho da igreja dar louvôres ao santo da nossa devoçã, por tão grande melhoria, quando soubemos que o Severino, em vista da chuchadeira que lhe tínhamos feito, nos diz resolver vincar-se nos barcellenses, que aliás não tinham culpa, das palavras que tínhamos dirigido a sua excellencia.

No dia immediato a esta sua resolução, as creadas tiveram de largar o que não era d'ellas, os vintens dos anos, em troca de vacas leiteiras, rheumaticas, umas vacas seccas.

Procuramos o Severino, chamamos-o á nossa redacção—afim de que tambem visse a installaçã do... acetylene—e dissemos-lhe:

—«Ou você conta aqui tudo ou vae bugiar.»

O Severino, que isto ouviu, desata n'um choro convulso, temivel, a ponto de vir ali ter a autoridade, na pessoa do nosso amigo Neiva.

—«Vá falle ou vá pentear maecacos.»

—«Eu tenho vergonha! Hl! hi! Ai! ai! Como sabe eu queria um osso. Não m'o deram, arranjei a carne.»

Em Barcelinhos casou a Maria Badiga (e fez ella muito bem e ninguém tem nada com isso).

Houve boda e a mãe do seu noivo não foi convidada para tomar parte n'ella.

Aqui é que foi o diabo.

Offendida por tão injusta excepção, chamou todos os seus filhos meudos (é claro) o noivo e projectou um grande jantar, no qual se bebosso até furtar e de tal forma que fôsse um despiquo á boda.

No dia immediato ao do casamento, effectivamente, realison-se o banquete, no largo do Tanque, d'aquelle freguezia, n'uma meza collocada sob a lata que alli se vê.

Foi servido um carneiro inteiro, com tripas e tudo; houve, tambem, m'ó e auho e cabrito; e vinho verde e fino (d'uma cana), e a rapaziada apanhou confeitos de toda a especie, nacionaes e estrangeiros, de gêsso e de farinha triga.

Os noivos puzeram-se a coear a pandega em casa proxima ao pagode, e deram por paus e por pedras e por pedrados.

E não era para menos, pois que havia até descantos em verso, alguns de muito espirito e outros de vinho (verde e maduro).

Cousa assim não ha memoria em Barcelinhos, segundo informações fidedignas, merecedoras de todo o credito.

A guarda fiscal é fina.

A dormir apanha ratos e accordada deixa-os fugir.

Ha dias foram algumas praças d'esse corpo a Peralhal fazer a tomadia d'um contrabando, confôrme accusa.

A que tinha de cair no rellil do fisco era uma vendeira P'ostiça, no nome.

A mulher lobriga já perto os soldados e tem um garrafão de aguardente—ao que nos dizem— que não foi manifestada. Como não tem tempo de o esconder ao varejo, levanta as saias, mette-o debaixo d'ellas e assenta-se sobre a respectiva rolha, dizendo:

—«Façam favor de entrar, senhores, está tudo franco.»

Passaram os homens e n'um relance o garrafão foi salvo

Um punhado de mentiras

Ha de haver uns bons 12 annos que a reportagem local registou o seguinte, no nosso tribunal:

Juiz—«Como se chama?»

Ella—«J. do R.»

J.—«Quantos annos tem?»

E.—(Hesitando um pouco) «Perto de quarenta.»

J.—«Vive só?»

E.—«Não, senhor. Vivo com meu marido, mas recebo clientes.»

J.—(Muito admirado) «Recebe clientes! E não tem vergonha de o confessar!»

E.—«Nenhuma. Pois se a minha profissão dá logar a isso...»

J.—«Mas em que se occupa a senhora?»

E.—(Muito risonha) «Sou parteira, para servir a v. Ex.^a»

J.—«Disso me livro eu.»

E.—«Ou alguém que lhe lhe diga respeito...»

J.—(Franzindo o nariz) «Tambem não.»

*

Hoje ha baile de mascaras no salão do Ayres, segundo o que nos diz o mestre sala 3o Reis. Muzica e mulheres e vinho, tudo fino. Nem mais nem menos.

*

Um ecclesiastico muito nosso conhecido viu-se, no regresso da festividade do Allivio de Longe, em calças pardas para escapar a uma cilada de ladrões.

Na peor crise de susto, o cozeiro do carro, que conduzia o reverendo, disse:

—«Parece que nós ainda vamos hoje parar ao céu.»

Ao que o padre respondeu, a tremer:

—«Deus nos livre disso!»

*

Vamos hoje relatar aos nossos estimados leitores uma carta escripta por um velho solteirão que, no jardim, muito se entretem com as senhoras, pelas noites de verão. Leia se:

«Ha tres annos, quando pela primeira vez te vi era branco como a neve. Tanto passei ao sol para te avistar, que me fiz moreno.

Os teus desdens me fizeram muitas vezes coar. Os frios do inverno, quando nem a neve me continha para te olhar atravez das tuas vidiraças, me tornaram roxo.

Para te possuir vejo-me azul. Atua indifferença, os teus desprezos, me produzem insomnias, fastio, inquietações, que me tornaram amarello como uma cidra.

Ah! se chogo a ter a negrura d'um ataque de colera morbus, o teu amor leva á sepultura uma caixa de tintas completa.»

*

Ha annos vinha de S. Julião, da Feira, de fazer a compra d'um pôrco, um pobre fabiano e em Roriz ouvindo tocar á missa foi ouvil-a, tendo primeiro prendido, proximo, o suino.

Havia sermão, tambem, e a certa altura o prégador disse, tocando pela pelle a Adão:

—«...; D'onde vens tu ó homem?»

Esta phrase ficou constituindo *estribilho* no

discurso e o dono do pôrco entendendo que aquilo se referia á sua pessoa, não se teve que não dissesse:

—«Donde vens ó homem? Eu venho de S. Julião de comprar um pôrco...»

*

Toda a gente conheceu ahí o fallecido barbeiro Perinha, pelas suas enormes partidas, algumas d'ellas engraçadissimas.

Hoje vamos contar uma devéras interessante.

O Perinha—que aliás se sabia apresentar regularmente vestido—chegado que foi uma vez á Povoia de Varzim, installou-se em um hotel d'aquella praia.

Munindo-se dos pertences de barbeiro, na manhã seguinte ao dia de chegada, bateu resolutamente á porta de un seu visinho de quarto.

—«Precisa de barbeiro?», perguntou elle, contrafazendo a voz.

—«Sim, tornou alguém do lado de dentro, póde entrar.»

O Perinha cumprimentou o hospede e, com tola a gravidade, deitou-lhe a toalha ao pescoço e ensaboou-lhe o rosto a bom ensaboar.

Depois, aparentando-a maior surpresa, disse-lhe respeitosamente:

—«Queira ter abonjante desculpar, meu caro senhor... esqueceu-me trazer as navalhas; faça o favor de esperar; vou buscal-as em um segundo.»

E dizendo isto, sae, fecha a porta e, fingindo descer a escada, volve a outro quarto, e repete a mesma scena, com mais dous hospedes.

Corre depois ao seu quarto, disfarça o traje, ensabõa-se a si proprio como fizera aos outros, tudo isto n'um momento.

Encaminha-se a seguir para o corredor e, em altas vozes, brada pelo dono da casa chamando que ha um quarto de hora espera pelo barbeiro e que suppõe ter sido victima de uma brincadeira de mau gôsto.

Acódem varios hospedes e o dono da casa boquiaberto... Ao tumulto que fazem, ás reclamações e gritaria, saem dos quartos os tres hospedes, ensaboados tambem, e estes por seu turno, depois de muito praguejar, acabam por exigir a presença do barbeiro que lhe pregár, tão formidavel logro.

Imaginem a extravagancia do caso. Foi difficil aquieta-los: os outros hospedes riam a bandeiras despregadas.

Não houve remedio por ultimo senão mandar chamar á pressa outro barbeiro que terminasse a tarefa encetada...

*

O Alfredo e o Sardinha decidiram uma noite, depois de certo arraial, quando deitados, levantarem-se e comer a meio um cacho de uvas

que estava dependurado no teto do quarto da casa em que aboletados, mas como não tinham luz fizeram a seguinte combinata. «Eu, dizia o Alfredo, seguro o cacho na mão e depois tu tiras um bago e outro, assim sempre até ao fim.»

Principiaram a operação e da ahí a pouco fallou o Sardinha.

—«Estás a comer quatro a quatro!»

—«Homem! ¿como deste porisso?»

—«E' porque eu estou comendo dous a dous e tu não te queixas.»

*

O primitivo proprietario do convento de Villar, depois da extinção dos frades, tinha desgosto por lhe roubarem a fructa do pomar.

Contratou com um ferreiro de S. Vicente de Areias arranjar-lhe uma armadilha de ferro (em ponto grande, propria para apanhar um homem) e foi com elle collocal-a debaixo d'uma arvore escolhida pelo artifice.

De noite, porém, o dono do pomar lembrou-se mudal-a para debaixo de outra arvore, e foi com um criado fazer esse serviço.

De madrugada sentiram-se gritos afflictivos, que denunciavam que algum desgraçado tinha caído na ratoeira.

Assim succedeu. ¿Mas quem era o desgraçado?—o ferreiro...

Bem dizia Cicero: «Nem sempre o ladrão mata o viandante, ás vezes é o viandante que mata o ladrão.»

*

Na capella de Santa Martha, cujas ruinas se vêem ali proximo da Estação, prégava, certo anno, por occasião da festividade que annualmente se realisava n'aquella local, um orador popular.

O rev.º tomou á sua conta a ganancia da humanidade em comelorias e frisou que os christãos cuidavam mais da barriga que da alma.

Era esta uma das phrases d'elle:

—«...Cuidaes só das negras tripas...»

Entre os fieis via-se um celebre pedinte de nome Adão, de Arcuzello, com um saquitel cheio de tripas que tinha mendigado no açogue que, então, estava aberto ao publico nas Pontes, na casa hoje pertencente ao nosso amigo Thomaz d'Araujo.

Tantas vezes ouviu o pobre dizer: «cuidaes só das negras tripas» que não se póde ter e, abrin lo o referido saquitel, despejou n'um arremesso feroz, com as ditas tripas sobre a *linpezinha* dos devotos, dizendo:

—«Está sempre a embirrar com as negras tripas, ellas ahí vão...»

Isco produziu grande escandallo e grandes... nólous nos pobres christãos.